

Vivendo e aprendendo: é preciso saber viver...

*Living and learning: it is necessary to
know how to live...*

LUCIANO FERRAZ SERVANTES

Terapeuta Ocupacional, Mestre em Educação e
Docente da Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões referentes ao processo de ensino-aprendizagem que ocorre na meia idade e terceira idade, enfatizando a importância da articulação da experiência do aluno da terceira idade e seu processo de envelhecimento ao processo de aprendizagem, o qual é, na verdade, contemplado por determinados diferenciais tais como a vivência, a experiência de vida e a identidade construída pelo aluno que busca na aprendizagem a oportunidade de continuar a sua "formação humana" enquanto ser social. Logo, a aprendizagem na terceira idade pode ser entendida e caracterizada por uma atividade humana por meio da qual se resgata o indivíduo da margem social e o reintegra como educando participativo e significativo no contexto do ensino. Por sua vez, este ensino é direcionado ao que esse educando deseja no sentido de compreender a si mesmo e o processo de seu envelhecimento, melhorando assim as condições do processo, bem como, fortalecendo a sua identidade enquanto ser ativo, produtivo e relacional. É nesse sentido que este estudo se posiciona, descrevendo, além dessas reflexões, os objetivos que norteiam essa aprendizagem como atividade humana.

PALAVRAS-CHAVE

aprendizagem
atividade
envelhecimento

ABSTRACT

This article presents some reflections on the teaching-learning process that takes place in middle age and old age, emphasizing the importance of the articulation of the experience of the pupil in old age with the aging process within the learning process. This process is, in truth, contemplated by determined differences such as experience of life and identity constructed by the pupil that seeks in learning, the chance to continue their development as human beings and as social beings. Thus, learning in old age can be understood and characterized by a human activity through which the pupil is retrieved from the margins of society, is reintegrated as a participating and significant learner in the context of teaching. In turn, this teaching is directed to what the learner desires in the sense of understanding themselves and the process of their aging, thus improving the conditions of the process as well as strengthening their identity as an active, productive and relational being. It is in this sense that this study is positioned, describing, as well as these reflections, the aims that direct this learning as a human activity.

KEY WORDS

*learning
activity
aging*

1. A APRENDIZAGEM E A IDADE DO APRENDIZ

Há entre os termos aprendizagem e idade considerações em comum, pois ambas na prática significam um caminho a ser percorrido e, sobretudo, vencido. Entretanto, com a idade é possível que ocorra a aprendizagem? Pergunta-se em razão da depreciação degenerativa e progressiva dos neurônios; pela falta de memória; pela dificuldade de reter informações, e, outros tantos aspectos físicos que decorrem da idade. Da idade? Evidentemente que não. Pois, em se tratando de idade os aspectos que afetam ao corpo e comprometem o seu bom funcionamento não tem relação com a idade, mas, sobretudo, com os desgastes que o próprio indivíduo se submeteu a partir dos seus vinte e cinco anos. Sim, é a partir dos vinte e cinco anos que o indivíduo passa a ter declínio de suas funções orgânicas porque o organismo pára de produzir células regenerativas jovens. A partir de então se inicia o processo de envelhecimento e, conseqüentemente, os desgastes aceleram e atraem a maior parte das doenças chamadas “da idade”. Esses desgastes são caracterizados pelos maus hábitos alimentares, líquidos, medicamentosos e, pelos maus costumes físicos através do sedentarismo, psicológicos através de comportamentos mentais negativos e/ou autopunitivos e, sociais através das relações conflituosas com outras pessoas. São esses desgastes, de toda ordem, que fazem surgir as várias doenças cardíacas, cerebrovasculares, reumatopatias, hipertensão arterial, cânceres diversos, os distúrbios mentais e/ou demências como Mal de Alzheimer, Parkinson entre outras. Não se trata, portanto, do fator idade, mas do fator comportamento; a idade apenas favorece o organismo à receptividade à doença, pois sofre com a baixa imunidade a qual independe da idade, porque mesmo uma criança pode sofrer com baixa imunidade e vir a adoecer¹. Nesse sentido, observa-se que as doenças chamadas “da idade” são, na verdade, apenas somadas ao organismo o qual revelará as alterações. Segundo Carvalho Filho (2000, p.1), é observado que:

As manifestações somáticas do envelhecimento são geralmente bem evidentes e facilmente observáveis, porém pouco se sabe sobre a origem desse fenômeno comum a todos os seres vivos,

havendo muita discordância quanto à verdadeira natureza e dinâmica do processo.

Compreende-se, portanto, que se torna difícil afirmar que a ordem das alterações físico-orgânicas é decorrente da idade, porém são transformadas em doenças somáticas que afetam o bom funcionamento do corpo. Ainda que as pessoas saibam desses fatos e tenham determinados conhecimentos do que lhes fazem bem ou mal, nem sempre mudam o curso das situações e adoecem conscientemente, pois mudanças exigem muitos esforços, rompimento com as rotinas e força de vontade. Somente com o adoecer é que os indivíduos se dão conta, ou não, de que são necessárias as mudanças de hábitos e costumes para continuar sobrevivendo². Mas, com ou sem somatizações, as pessoas continuam aprendendo ou não? O que é a aprendizagem? Para responder a esta questão é preciso antes de tudo analisar o conceito de aprendizagem a compreendendo como um processo dinâmico dentro das práticas educativas. As práticas educativas, contudo, nascem das experiências mundanas, cotidianas, das situações mais simples às situações mais complexas da vida. Ao que tudo indica, a aprendizagem não depende somente do ambiente escolar para que ocorra, pois o indivíduo é detentor da capacidade de registrar e armazenar no seu consciente e inconsciente todas as dimensões da aprendizagem através do senso comum; através do chamado conjunto de conhecimentos prévios do qual abstrai conceitos que dá forma ou modela o que se chama de aprendizagem não escolar. Por isso pode-se afirmar que “o conceito de aprendizagem é um conceito prévio, um requisito indispensável para qualquer elaboração teórica sobre o ensino” (SACRISTÁN e GÓMEZ, 2000). Desse modo, não é possível o indivíduo se furtar de aprender, pois assim como os demais processos, inerentemente, humanos a aprendizagem é essencial para a vida, assim como inversamente a vida é para a aprendizagem. Talvez seja dessa assertiva que se faça válida a canção de Erasmo Carlos, regravada pelos Titãs que diz: “se o bem e o mal existem você pode escolher... é preciso saber viver...”. Saber viver é o indivíduo compreender a aprendizagem num processo de articulação contínua dos “dois mundos”, o mundo em que se insere e o mundo interno de cada de si.

A idade não é, portanto, impedimento para aprender, ao contrário disso, a idade é justamente uma aliada da aprendizagem, pois o processo é de continuidade de formação de conhecimentos que reforçam os já existentes. Logo, aprender mais para viver mais e melhor; isso não é uma utopia, mas uma necessária confiança depositada nas potencialidades e habilidades existentes no indivíduo de meia idade e de terceira idade. Mesmo o avançar da idade demonstra que aprender não é algo pragmático, como um dia já foi; aprender agora é uma fusão entre sabedoria e experiência de vida que, pertinentemente, satisfazem os docentes que ministram aulas nas Universidades da Melhor Idade do país e, contentam os mais belos sonhos daqueles que foram e sempre serão apreciadores do conhecimento: os alunos dessas universidades.

Se por um lado, pesquisadores e educadores discutem o processo educativo como sendo focalizado para emergentes situações da precariedade do ensino e as contradições da aprendizagem imediatista, por outro, a educação de idosos parece não haver qualquer disparidade. Pois, há uma concordância de que o aluno aprende com tudo que se pode ser ensinado; evidentemente, conflitos em razão de situações de aprendizagem ocorrem, afinal como disse Miguelangelo Buonarotti, nem o “paraíso é tão perfeito assim, merece retoques”. Isso quer dizer que a realidade da sala de aula de alunos de meia idade e de terceira idade difere muito das convencionais, porque esses alunos não estão ali com as ansiedades, angústias, medos, ambições, anseios e outros sentimentos de busca de um “futuro melhor” como é a dos jovens que adentram e/ou se aventuram no ensino superior. Ao contrário, esses alunos são o próprio futuro e já viveram todos os eventos comuns da vida de todas as pessoas; a sua estada na sala de aula é uma conquista que sua força de vontade fez valer; não estão ali para aprender mais do que já sabem, mas estão ali para formar conhecimentos para viverem mais e melhor. A condição imposta por eles mesmos é a presença não só do corpo, mas do espírito, é a troca de experiências e de vivências que enriquecem as aulas, sem interrompê-las, tornando o aprendizado algo que não é figurado nem obsoleto, mas concreto e especial³. Ora,

aprender para eles tornou-se a mais simples lapidação daquilo que já sabiam, porém com ar de surpresa revelam-se pela primeira vez através de suas experiências demonstrando que todo conhecimento é ilimitado e sempre necessário. Nesse caso:

Uma nova gerontologia educacional crítica e sua prática – a gerogogia –, são propostas como uma alternativa que promove a tomada de consciência por parte dos próprios idosos sobre os seus direitos, sua qualidade de vida, suas formas de auto-realização e o papel social que podem realizar (CACHIONE, 2003, p.27).

A partir do momento que as pessoas possuem informações sobre o seu processo de vida, incluindo a saúde, a educação, o lazer, a arte, a exercitação física etc., todo conhecimento de si mesma é reformulado dando espaço para a qualidade não só de vida, mas das condições de todas as situações que se envolve. Pois, o conhecimento reformulado pela aprendizagem incita a tomada de atitudes novas, de novas ações mais conscientes em que a prudência e o equilíbrio físico, mental e social fazem parte desse novo modo de viver⁴.

Acredita-se que a retomada de novas posturas desses alunos contribuam em muito com o seu processo de envelhecimento, pois a aprendizagem dos fatos e implicações do envelhecimento tornam possíveis as ações mais dinâmicas e efetivas quanto aos cuidados consigo mesmo e sua participação social junto aos grupos sociais e comunitários que se inserem. Contudo, a aprendizagem só será uma resultante satisfatória se o professor souber dispor de abordagens, métodos e técnicas que acompanhem as condições de aprender de cada aluno de meia idade e/ou terceira idade.

Uma das mais importantes abordagens no ensino da Melhor Idade é o tipo de discurso docente; ressalta-se que a forma de se dirigir, de expor o conteúdo, de fazer interpretações e exigir respostas do aluno é componente que pode aproximá-lo da aprendizagem ou afastá-lo de vez da universidade. Pois, há dois componentes nesse aluno que o difere dos alunos jovens e adultos jovens: a experiência de vida e a expectativa de vida.

A experiência de vida de um aluno em processo de envelhecimento merece atenção e, sobretudo, lapidação sem a perda dos valores

e princípios que se formaram ao longo de sua trajetória de vida. Pois, essa experiência é base de sua construção como ser integrado e como pessoa no mundo; é a base de sua identidade fortalecida por crenças e atributos conceituais – do senso comum ou não – que não podem ser extintos, porque são os atores vivos de histórias e fatos que formaram a cultura de um país. Logo, “a educação é mediação fundamental para as demais, que formam a existência histórica” (SEVERINO, 2002).

Portanto, o discurso docente deve levar em consideração que os alunos de meia idade e terceira idade são indivíduos historicamente formados pelas exigências da vivência com interesses e propósitos educativos, que os diferenciam dos indivíduos intencionais caracterizados pelos jovens ainda ansiosos por “viver a vida”. Assim, acredita-se que o discurso docente é aquele que deve respeitar a autonomia e a perseverança do seu alunado, considerando as diferentes posturas e lugares que se assumem enquanto pessoas significativas, independente de sua idade. Pois, a abordagem discursiva deve preservar a identidade do seu aluno e promover as condições necessárias para que essa identidade se amplie no sentido de gerar o aprendizado para a melhoria humana. Essa premissa pode ser ilustrada muito bem pelas belas palavras de Marques (2002, p. 64)⁵ que faz a seguinte explanação:

A essência da educação reside em fazer o educando participar, progressivamente, nos mundos dos bens culturais. É preciso, para isso, que o educador tenha fé e confiança nesses valores; que creia na vida, na saúde, na justiça, na sociedade, na ciência, na moralidade, na arte; precisa que tenha clara consciência de que não há existência digna de ser vivida, quando esta não se orienta para a dignidade humana.

Sendo assim, a essência do discurso docente é a preservação da identidade do aluno e de suas crenças ante o processo de vida e de aprendizagem. Essa essência deve ser a base da abordagem discursiva, pois as relações satisfatórias entre docente e alunos torna satisfatório o próprio processo do ensino e da aprendizagem, então, ambas as partes ganham. Mas, o termo essência deve ser compreendido como a sensibilidade do educador em perceber as experiências de vida de seus alunos articulando-as ao seu discurso e tornando a abordagem

uma ação efetiva de “trocas” experienciais recíprocas. Talvez, essa seja a parte mais bela do ensino de pessoas de meia idade e terceira idade, no qual o ensino das Bases de Geriatria e Gerontologia correspondem às experiências de vida dos alunos que passam a reconhecer que o seu processo de envelhecimento não os destitui de seus valores, de suas crenças e de seu lugar na sociedade, ou seja, não há perda da identidade construída ao longo dos anos, mas suporte necessário para mantê-la através da aprendizagem. Segundo Malanga (2003, p. 57), é observado que:

Entre a formação teórica e o dia-a-dia existem enormes diferenças. Vejamos que muitos problemas do processo ensino-aprendizagem, abordados em estudos teóricos, por exemplo, só vão adquirir sentido quando o professor se deparar com eles em sua própria prática. Em que pese o fato de que cada ser, único por excelência, tem suas particularidades e, em consequência, seu modo de construir a realidade cotidiana, de relacionar-se ou de trabalhar suas experiências já vividas.

Dessa citação depreende-se que o caráter educativo e de formação humana são, sobretudo, conciliadores do ensino e da aprendizagem em que a teoria e a prática são elementos que constituem o processo educativo sem menosprezar a experiência de vida das pessoas nele envolvidas. Fato esse que valoriza as boas relações entre docentes e alunos, pois a experiência de vida, também única por excelência, constitui como um dos fundamentos que sustenta e/ou comprova a teoria. Nesse sentido, as boas relações entre educador e educandos, através do pertinente discurso docente e preservação da experiência de vida de cada um, tornam o processo educativo um processo de transformação do indivíduo capaz de entender o seu passado, vivenciar o presente e valorizar o seu futuro⁶. Portanto, a articulação entre a experiência de vida do aluno e a abordagem discursiva pertinente torna o processo educativo um processo de trocas experienciais satisfatórias em que a principal resultante é a aprendizagem caracterizada como mais uma conquista do indivíduo de meia idade e de terceira idade.

Já a expectativa de vida de cada aluno pode ser interpretada como um conjunto de questionamentos e perguntas que, até então,

esteve submerso ou reprimido em razão das exigências das situações vividas no passado. Isso pode ser explicado, ou justificado, pelas situações que a vida impôs como, por exemplo, às mulheres as quais tiveram que exigir seus direitos que não passavam além dos cuidados matrimoniais e maternais, ou seja, tiveram que buscar o seu lugar no “mundo” tornando válida a sua existência enquanto pessoa social. Numa análise mais profunda articulada a esse exemplo, os homens também foram segregados de direitos quando toda educação familiar que receberam ditava o “controle familiar”. Pois a manutenção financeira da casa e da família eram responsabilidades que cabiam ao pai, portanto, o trabalho e a produtividade eram concebidos como uma obrigação tipicamente masculina e, a educação dos filhos por meios da opressão e repressão eram duas das características das famílias patriarcais. Portanto, aos homens couberam mais obrigações do que prazeres. Acredita-se que a partir dessa constatação pode-se afirmar que os direitos de “arguição da vida” pelos homens foram também destituídos. Nesse sentido, qual era a expectativa de vida dessas cidadãs e cidadãos? Em outras palavras, pode-se fazer a mesma questão assim: que direito tinham essas pessoas sobre a própria vida, ações, atitudes etc.? A resposta poderia ser: nenhuma com certeza! Porém, os sistemas vivenciados por essas pessoas eram por elas acreditados como certos, verdadeiros e eficazes, afinal todos viviam da mesma forma; estavam todos inseridos numa mesma trajetória de vida opressiva e repressora.

Acredita-se que com o progresso industrial, comercial, tecnológico e educacional, todos os setores da vida das pessoas começaram a sofrer intervenções de diferentes maneiras ocorrendo, então, uma necessidade de refletir sobre a vida, suas condições e exigências e, conseqüentemente, sobre a própria existência como ser social e como pessoa⁷.

Com novas perspectivas sócio-econômicas, profissionais e educacionais, as pessoas passaram a revelar as suas expectativas, porque na verdade elas nunca deixaram de existir, apenas foram reveladas com novas cores e nuances. Desse modo, o aluno de meia idade e de terceira idade vem, intencionalmente, buscar repostas a

perguntas que não pôde fazer noutros tempos, pois sua expectativa de vida busca soluções que satisfaça o que, alguns deles, denominam de curto percurso de vida – nisso, há pressa em saber e em aprender. Então, o professor deve buscar meios para que essa expectativa de vida venha a ser atendida no sentido não de amenizar ou extinguir as perguntas, mas de reforçá-las, pois enquanto há perguntas: há reflexões, observações e há, sobretudo, “fome” de conhecimento e de aprendizado. Constata-se, então, a necessidade de aprender sem as limitações da idade, sem a necessidade de esconder-se de seus próprios sentimentos, bem como, sem medo de revelá-los, nascendo assim uma nova experiência de vida: a de aprender a aprender. Por isso, pode-se dizer sem fanatismo algum: isso é fantástico, porque assim como aconteceu o milagre do pão, ocorre neste exato momento o “milagre da existência” ou “milagre da liberdade de buscar” para viver mais e melhor.

Considerando que a expectativa de vida é uma busca por respostas, a oportunidade de aprender transforma-se na possibilidade de encontrar as respostas. Respostas essas que não é o professor que as oferece, mas o próprio aluno que as descobre. Por essa razão é que o processo educativo deve vir acompanhado de meios didáticos articulados aos materiais científicos – como os textos –, aos materiais de arte – como o desenho, a pintura, a literatura, etc. – aos materiais tecnológicos – como informática, slides, etc. – que estimulem a criatividade e a expressão, promovendo não só um ensino de qualidade, mas uma aprendizagem que seja qualitativa em todos os seus aspectos. Entretanto, o professor seja da Universidade da Melhor Idade, ou não, é aquele que deve promover o encontro do aluno com as respostas que procura, sendo o mediador entre o que se pretende que o aluno conheça e os materiais que o ajudará a aprender. Essa postura docente é a que lhe dá o caráter profissional que está muito além dos meros títulos que possui. Ao retomar Marques (2002), este ressalta que “só a vocação pedagógica não é o suficiente para formar o professor universitário. É preciso que esta seja reforçada por certas técnicas profissionais (...)”⁸. Analisando o papel do docente, ante o ensino de

peças de meia idade e terceira idade, torna-se evidente a necessidade de empreender esforços que estão além de meras aulas expositivas, pois o diálogo, a relação afetiva e a incorporação de recursos e abordagens metodológicas são os elementos articuladores entre o ensino e a aprendizagem desses alunos. Então, o caráter desse ensino é relacional e interdisciplinar e não apenas formativo, isso porque a expectativa dos alunos não é a de se formar mas é acrescentar, é somar e atender às suas interrogativas, sendo o professor o mediador desse processo interativo e dinâmico.

Uma vez que o ensino atende à expectativa de vida de cada aluno e o professor tem, conscientemente, assumido o seu papel sabendo fazer as articulações didático-metodológicas e disciplinares, resta observar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos os quais independentemente de suas idades podem, com certeza, serem os atores principais da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de pessoas de meia idade e terceira idade tem certos diferenciais que necessitam de atenção e tratamento, pois se revela tão ampla quanto qualquer outro nível de ensino e de aprendizado. Assim, considera-se a que esses diferenciais estão diretamente relacionados à capacidade de os alunos romperem com os mitos associados à idade, de aceitarem com otimismo as condições de aprender tendo a revelação dos significados de sua experiência e expectativa de vida. Sendo a experiência de vida um conjunto de ações que foram desempenhadas ou pelos papéis sociais exigidos ou pela necessária sobrevivência, vale dizer que a experiência de vida em todo seu conjunto transformou-se em sabedoria e que, ninguém e nenhum docente deve desprezar, mas articular essa sabedoria ao plano de ensino. Por outro lado, as expectativas de vida de cada aluno podem ser consideradas como as possibilidades diretas de aprendizagem que o professor tem como aliada para ensinar esse grupo de “jovens maduros”. Pois, trata-se de um grupo sedento de conhecimentos e de explicações tanto do processo de envelhecimento, portanto, de conhecimentos sobre si mesmo, quanto de como o mundo se transformou e os comporta no momento atual.

Nesse processo educativo outro diferencial é a percepção de que o professor é um “ator coadjuvante”, pois auxilia, troca, aborda, introduz métodos, amplia os seus conhecimentos e os já existentes dos alunos. Isso porque os alunos de meia idade e terceira idade não estão de volta à sala de aula para formarem-se, mas para transformarem a si mesmos para saberem viver melhor e com mais dignidade.

A relação estabelecida com o professor e o ensino é, portanto, uma relação dialética em que alunos, ensino e aprendizado formam um processo educativo diferenciado porque é acompanhado de uma sabedoria não filosófica e nem tampouco popular, mas uma sabedoria experienciada ao longo de um percurso de história pessoal, ou seja, não aprendida nas escolas e nos livros. Então, a idade não é impedimento para aprender, mas, ao contrário disso, a idade é uma aliada da aprendizagem, pois o processo é de continuidade de formação de conhecimentos que reforçam os já existentes.

Portanto, considera-se que a aprendizagem desse grupo de “maduros aprendizes”, deva estar de acordo com idade que reforça neles o interesse e a vontade para aprender, bem como, ensinam a gestarem melhor seus conhecimentos para que possam viver com qualidade a melhor idade, ou seja, “é preciso saber viver”.

NOTAS:

¹ Discussões semântico-filosóficas à parte, podemos entender a velhice como fase da vida em que há clara diminuição da capacidade física e intelectual, caracterizando a proximidade do ocaso do ciclo vital. Ao falar em diminuição da capacidade, não estamos necessariamente falando em invalidez e doença, apesar da maior frequência com que várias doenças se associam ao envelhecimento (SILVA, 2001, p. 215).

² O importante é saber que o conhecimento sobre esse processo já nos permite planejar um envelhecer saudável. Não podemos associar doenças e morte ao envelhecimento, uma vez que é possível prevenir e “empurrar” as doenças para bem mais tarde ou, talvez, nunca tê-las (SERVANTES, 2004, p. 41).

³ A sabedoria é uma conquista. E o velho, na beleza que se quer prestar ao termo, é sábio. Viveu muito e muito ainda tem para viver. Observou. Aprendeu. Ensinou. O sábio conhece as limitações e nem por isso deixa de sonhar. O velho não perde a juventude, pelo menos na forma que estamos tratando as palavras jovem e velho, mas acrescenta a sabedoria ao espírito questionador e ao desejo juvenil de mudar o mundo (CHALITA, 2001, p. 43).

⁴ Pessoas mais velhas podem aprender novas habilidades e informações, principalmente quando os materiais e métodos levam em conta as mudanças fisiológicas, psicológicas e cognitivas pelas quais eles podem estar passando (PAPALIA e OLDS, 2000, p. 519).

⁵ Docente da Universidade Católica Dom Bosco e do INPG, Pós Graduado em Filosofia e História da Educação; Mestre em Educação (formação docente) e especialista em educação, ministrante das disciplinas de Metodologia Científica e Metodologia do Ensino Superior.

⁶ Uma “relação” é uma relação de sentido elaborada a partir de valores hierarquizados ou uma relação de valores a partir de sentidos escolhidos e hierarquizados. Uma relação entre uma pessoa e um ambiente material ou social é um conjunto de interações inseridas em um contexto, em uma história. Essa relação começa, desenvolve-se e é concluída em um tempo definido, mas também, como é elaborada por uma pessoa, ela perdura e “recorda”. O tempo da experiência anterior ressurge na atualidade da relação presente e projeta-se no futuro (MARPEAU, 2002, p. 68).

⁷ Por isso, a construção do conhecimento – que deveria intencionalizar a existência humana na dimensão teórica e nas aplicações éticas, políticas ou pedagógicas – é atravessada por percalços, num caminho repleto de promessas e de tantas desilusões. O absurdo sempre afronta o lógico; isso faz com que muitos, como filósofos arqueo-genealógicos, afirmem que o desenvolvimento humano tem história, mas não tem lógica (SEVERINO, 2002, p. 11).

⁸ A propósito da fala de Marques (2002, p. 65-66), que explica sobre as técnicas profissionais, tais como a erudição crítica e atitude inquisitiva; a proibidade magisterial; a alegria e o bom humor e, o tato pedagógico

REFERÊNCIAS

CACHIONE, Meire. *Quem educa os idosos: um estudo sobre professores de universidades da terceira idade*. Campinas-SP: Alínea, 2003.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de; NETTO, Matheus Papaléo. *Geriatría: fundamentos, clínica e terapêutica*. São Paulo: Atheneu, 2000.

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. 8. ed. São Paulo: Gente, 2001.

MALANGA, Eliana Branco (org.). *Psicopedagogia e semiologia: uma interdisciplinaridade produtiva*. São Paulo: Memnon, 2003. (Col. Temas de Psicopedagogia, livro n. 6).

MARPEAU, Jacques. *O processo educativo: a construção da pessoa como sujeito responsável por seus atos*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2002.

MARQUES, Heitor Romero. *Metodologia do ensino superior*. 2. ed. Campo Grande-MS: UCDB, 2002.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento humano*. 7. ed. Porto Alegre-RS: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I.Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre-RS: Artmed, 2000.

SERVANTES, Luciano Ferraz. *Cuidador: uma prática que pode ir além dos cuidados básicos*. CURSO DE CAPACITAÇÃO PARA CUIDADORES DE IDOSOS, 3. Campo Grande/MS: SETASS, 2004. p. 41-49.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'água, 2002.

SILVA, Marco Aurélio Dias da. *Quem ama educa: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças*. 26. ed. São Paulo: Best Seller, 2001.